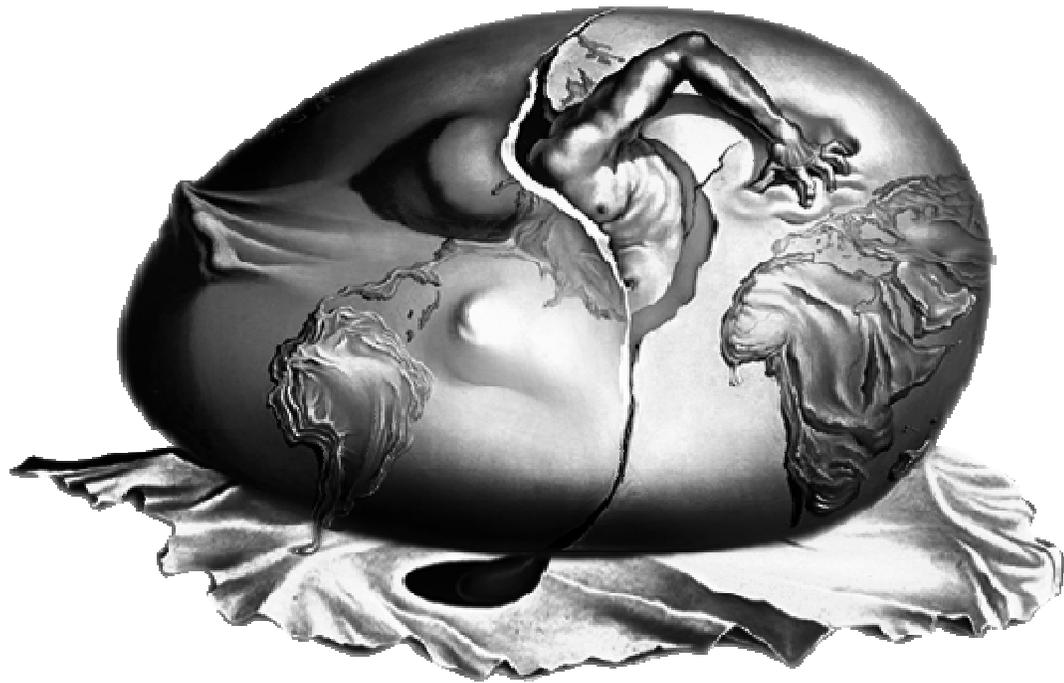


BOLETIM **PRESENÇA**

ANO II, nº 06, 1995



UNIR

O DORSO DA NAVALHA

NILSON SANTOS *

Resumo

A Filosofia, ou melhor as filosofias apresentadas até a década de 80 não pouparam vigor e arrogância ao refletir os velhos problemas do Homem, nem mesmo deixaram de buscar novos paradigmas. Afinal o ser de uma filosofia fazia-se sensível sobre os corpos de outras que ela mutilara, tornando-as impotentes diante de uma reflexão que se propunha mais rigorosa, abrangente e bem estruturada.

Palavras-Chave: Filosofia e Paradigmas.

Abstract

The Philosophy, or better the philosophies presented until the decade of 80 they didn't save vigor and arrogance when reflecting the Man's old problems, not even they stopped looking for new paradigms. After all being of a philosophy was made sensitive on the bodies of another that she had mutilated, turning them impotent before a reflection that intended more rigorous, including and well structured.

Key-Words: Philosophy and Paradigms.

Afinal, acabou o corte da navalha, ou estamos usando o lado sem corte?

A Filosofia, ou melhor as filosofias apresentadas até a década de 80 não pouparam vigor e arrogância ao refletir os velhos problemas do Homem, nem mesmo deixaram de buscar novos paradigmas. Afinal o ser de uma filosofia fazia-se sensível sobre os corpos de outras que ela mutilara, tornando-as impotentes diante de uma reflexão que se propunha mais rigorosa, abrangente e bem estruturada.

Hoje, nada mais demodê que falarmos em radicalismos, compreendido aqui como a tentativa de atingirmos o âmago das reflexões.

Hoje preferimos senão falar abertamente, ao menos insinuar nossas novas crenças pautadas não numa reflexão rigorosa, mas em algo mais ameno, que seja menos exigente conosco, que nos permita viver com o mundo, sendo como ele, defendendo seus valores, e usufruindo de suas benesses, sem ao menos ruborizarmos, pensamos jamais voltar ao radicalismo solitário e ousado. Preferimos errar com a humanidade, à caminhar só. Afinal perdemos ou cedemos?

O diálogo parece conter não somente o bem, mal, e todas as cores intermediárias; mas parece ser o portador do bálsamo que alivia e estanca a sangria do conhecimento. No lugar das feridas abertas, e do corpo errante em busca do novo, preferimos um ser socialmente saudável, limpo das agruras do mundo, “bem comportado”, que nunca anda longe de casa.

Escolhemos emocraticamente o que não necessariamente procurávamos: ancoramos numa praia de areia tão fina e macia, que nos envolve e imobiliza, conquistamos um sol tão acolhedor, que não pensamos noutra coisa senão em dormir sob seus raios.

Arquitetamos um novo mundo onde estranhamente todos são dotados de vontade, de inteligência e de plena participação, um mundo sem verdades absolutas, que nos poupa das longas conferências, reuniões, dos acalorados debates nos botecos, das noites mal dormidas, um mundo que de tão seguro nos obriga a despojarmos nossas afiadas navalhas, nos convida a abandonarmos a astúcia. Deixamos de ser guerreiros para nos confundirmos com um bando de colegiais em férias.

Mas este cenário parece ao mesmo tempo familiar e suspeito, ao caminharmos ao longo da praia, de forma mais maliciosa, nos é permitido ver que as construções são antigas, porém pintadas e com janelas maiores, para se tornarem mais agradáveis, vemos ao longe o local onde atracamos: é possível enxergar vistosa e velha torre de ferro, que abriga em seu topo um farol, que com sua constante luz intermitente, convidou-nos sempre a nunca partir ou a sempre voltar. Bem abaixo nos deparamos com um velho porto e o nosso barco, que apesar do movimento do mar ao seu encontro permanece seguro.

E a imagem suspeita se completa: são as mesmas e antigas casas, agora reformadas, os sorridentes nativos são nada menos que os antigos liberais e aquela luz piscando revelou ser o velho e mitológico Porto Seguro, lugar que desconjuramos, fonte do maligno, que agora nos abriga.

Estranhamente saudosistas são aqueles que buscam arregimentar boa tripulação para de novo singrarem os mares em busca de novas odisséias de criação. Mas não, saudosistas foram aqueles que voltaram para o regaço do porto de onde partiram, e hoje mostram sua verdadeira face: nunca gostaram de ter partido.

Na verdade, quando chegamos, de volta, a maior parte da tripulação sabia onde havíamos atracado, mas num silencioso motim, embarcamos todos como se tivéssemos atravessado o oceano e atingíssemos um ponto longínquo do outro lado.

Aquele espírito que de tudo duvidava, de tudo achincalhava, de tudo desacreditava, sucumbiu.

Em seu lugar, o antigo revolucionário, e agora dócil cidadão, se preocupa em retirar os pontos de interrogação de cada frase, substituindo-o por um ponto final.

A Filosofia, sempre apaixonou por andar de braços com a inquietude do Homem, sempre atraiu por tornar rir do óbvio, e torná-lo objeto de reflexões mais e mais profundas.

E agora alguns poucos em nome do bom senso, vem nos dizer: baixem as lanças, podemos alcançar uma saída política, negociando os problemas do homem.

Parece que percebemos que se trocarmos nossas espadas por cabos de vassoura, poderemos continuar a brincar de mocinhos e bandidos, sem ferir ninguém, com a consciência tranquila que seremos os eternos heróis no jogo social, já que prosseguimos no nosso simulacro de duelo, vestidos de capa e máscara, contra inimigos de verdade. Enquanto isto nem mesmo arranhamos o “*status quo*” nosso e deles. Acreditamos que podemos continuar a falar de transformação, propondo remendos ou acudindo aqui e ali, um ou outro desavisado que se põe no caminho da “história”.

Alguns antigos bruxos medievais, quando queriam predizer o futuro, sacrificavam um animal e manipulavam suas vísceras. Se a prática parece pouco aprazível, a alegoria é perfeita.

A resposta, para o futuro, não está nos pronunciamentos oficiais, nem nas políticas públicas, mas nas entranhas do que não é revelado.

Não mais nos perguntamos se um novo jogo pode ser jogado, mas nos resignamos a alterar “pelo debate”, “pelo consenso”, “pela hegemonia” alguma saída, devidamente expurgada dos radicalismos, garantindo de antemão que em direito adquirido não se mexe. Queremos um mundo mais justo, porém ainda capitalista.

O Velho Continente que produziu correntes filosóficas antagônicas de um vigor ímpar, acabou por obrigar a todos, em nome da Humanidade a desarmar-se para realizar o diálogo, que lenta e democraticamente trata de eliminar os direitos humanos, excluindo minorias e estrangeiros.

Não exigiria muito rememorarmos que para o “empoeirado” Augusto Comte, o produto da Revolução Francesa, foi uma anarquia indesejável. Este quadro anarco-revolucionário, que permitia a plena capacidade criadora do indivíduo, deveria se dirigir para preservar o todo social. A Religião da Humanidade parecia ser a catalisadora e modeladora dos sonhos do homem.

Hoje, a “Globalização da Economia”, a rede mundial de cooperação e informações, a “Aldeia Global”, dá-nos a sensação que somos todos representados, que vivemos num mundo em ordem, e que aqueles que se opõem, estão se colocando contra a prosperidade mundial. Quem estiver disposto a revelar o canto da sereia, é logo identificado anacrônico, e como tal deve ser tratado.

Temos a ordem, o desejo democraticamente expresso do homem como luz, e tudo o que concorre, deve ser minimizado pela “Religião da Humanidade”, ou seja, pelo ópio da democracia.

Esta Pós-Modernidade nos arrasta para a Era da Convergência Inofensiva, e esta necessidade de confluências de todas as forças materiais e espirituais, obriga a todos a se desfigurarem, perdendo sua identidade e sua individualidade, desfigurando e neutralizando as ideologias, as artes, as formas de exploração, para instaurarmos pelo movimento cínico da razão calculada um mundo isento de grandes divergências ou pontas afiadas.

Assistimos todos os dias, e aplaudimos, quando vemos os mais variados grupos políticos e econômicos abrirem mão dos instrumentos de força e poder que fizeram uso, para poderem de agora em diante, entrar, no jogo democrático. O que nos causa uma paz de espírito. O Movimento Social Italiano deixou de ser fascista, o IRA quer dialogar, os PC’s querem o mercado. Todos querem ter uma imagem centrista.

O passaporte de ingresso tem que ter o carimbo do expurgo, há que ser despojado das cores do passado ou do futuro. O cinza, da sobriedade, dá o tom da modernidade. O negócio é dialogar, o negócio é negociar.

Neste sentido não há lugar mais confortável que o Centro, equidistante de qualquer ponto, pode ceder à todos em nome da convivência fraterna e do valor mais sagrado que é o diálogo e a negociação.

Levantar-se da mesa de negociações, significa expor-se à encarnação do mal. Não negociar, não ser razoável significa o mesmo que

opor-se à Humanidade. Deveria nos parecer estranho que a democracia virasse unanimidade entre corruptos, empresários e até militares.

Isto não significa a apologia dos extremos, mas a sensação de que perdemos a capacidade de nos sensibilizarmos para o novo, a Razão se torna a mais pura expressão da negociata justificável e lógica.

Partimos do preceito ingênuo ou conveniente que, todos, de forma civilizada conseguem entender e fazer-se entender.

A sensação é semelhante a do arqueiro que ao juntar todas as flechas para transportá-las resolve atar a cada ponta um chumaço de estopa, para não ferir ninguém. Assim, a Filosofia em nome do metafísico bem comum, permite reduzir o pensar ao estudo das possibilidades dentro do universo existente, não fazemos conjecturas, não inovamos, apenas fazemos uso da razão para combinar as premissas existentes na expectativa de conseguirmos uma saída inovadora.

Isto pode parecer um contrasenso com o que sentimos atualmente, onde não temos parâmetro para nada, valem todas as estéticas, e ao mesmo tempo não vale nenhuma; valem todas as éticas e nenhuma.

Talvez em tempos de Pós-Modernidade, subsista uma moral das necessidades básicas e o direito do consumidor.

Convergimos para a “Humanidade”, despojamo-nos de tudo, e nos tornamos nada. Dirigimos todas as nossas energias e atenções devidamente envoltas em estopa para um alvo onde batemos com força e não podemos penetrar, pois plasmar a radicalidade e a individualidade de cada um deturparia o jogo.

Nossa insatisfação não passa, portanto, de uma pequena disfunção econômica de falta de uma distribuição de renda, seguramente perceptível pelos objetos que nos faltam. Nada que um pequeno ajuste de política econômica e uma boa negociação não resolvam.

Pode parecer estranho, mas, nos transformamos em simuladores de um jogo que não quer ver ganhadores, senão duradouros jogadores

metafísicos. Tornamo-nos cúmplices, todos sentimos a falsidade do jogo, mas ninguém diz. Melhor o faz de conta.

A navalha é a mesma, nós é que propositadamente viramos o fio para cima. Continuamos a realizar com o vigor, o ato de cortar, porém, sabemos que não cortaremos nada, pois deliberadamente usamos o dorso da navalha, usamos uma filosofia morta e uma razão bem comportada, que não quer mudar.

A navalha está sobre a mesa, nós é que não queremos cortar.

*** Prof. Ms. do Departamento de Educação/UNIR
Pesquisador do Centro do Imaginário Social**